



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

FLORIANÓPOLIS, SC, 1º DE NOVEMBRO DE 1996

Senhores Presidentes, da Argentina, meu amigo Carlos Menem, e do Paraguai, Juan Carlos Wasmosy, companheiro dessas lutas; Senhor Governador Paulo Afonso Vieira; Senhor Presidente do Fórum de Integração do Cone Sul, Pedro Sirotsky; Senhores Ministros que aqui estão; Altas autoridades de Santa Catarina; Senhores Parlamentares; Senhores patrocinadores e participantes deste Fórum do Mercosul;

Deixem-me começar por lhes dizer que, não apenas protocolarmente, mas de todo o coração, eu aceitei participar deste encontro com grande entusiasmo.

Pedro Sirotsky já mencionou o fato de que, há alguns anos, eu estive aqui numa reunião dessa natureza. Desde então, percebi a força do encontro de Santa Catarina, dos promotores, dos meios de comunicação de massa e desse povo formidável, que é o catarinense, para permitir que, a partir daqui, nós possamos ecoar – naquela época, eu pensava pelo Brasil; hoje, eu diria, por todo o Mercosul – este sentimento que nos irmana.

De modo que estou aqui, Senhor Governador, Dr. Pedro, com a maior satisfação, e não só como Presidente do Brasil, apesar de que o Presidente Wasmosy insistiu muito em marcar o Presidente Carlos Menem como se fosse o mais velho: ele é apenas o decano. Mas eu estou aqui como Presidente *pro tempore* do Mercosul. Então, nessa capacidade, tenho muita satisfação de poder estar com os meus companheiros, lamentando a ausência de Julio Sanguinetti. Mas, como já disse o Presidente Wasmosy, mesmo na ausência, qualquer um de nós três, aqui, fala pelo Presidente Sanguinetti – espero que ele concorde com isso – assim como temos certeza, e nisso nós concordamos, que ele fala por nós.

Quero lhes dizer, aqui, diante desta platéia composta por especialistas de *marketing*, por empresários, por homens políticos, que é preciso pensar no significado do êxito do Mercosul, até mesmo da palavra Mercosul, da marca Mercosul. Em tão pouco tempo, foi possível marcar, não só entre nós, mas também como alguma coisa que nos diferencia lá fora, o fato de termos logrado essa unidade no Mercosul em tão pouco tempo.

Na verdade, data de março de 1991 o começo de um sonho que hoje já está concretizado, e com tanta força que, também como foi dito aqui, hoje o Mercosul tem a capacidade de imantar outros países que, no início, eram reticentes à idéia – e tinham boas razões para olhar mais para o Norte do que para o Sul – e, não obstante, perceberam que a melhor maneira de chegarmos, no futuro, a uma integração mais ampla, até de nível hemisférico, como nos comprometemos em Miami, é precisamente fortalecendo o Mercosul.

Esse êxito de uma iniciativa dessa natureza terá suas razões – razões, até mesmo, eu diria, quase subconscientes. Hoje, o Chile e a Bolívia já são também companheiros do Mercosul, não na qualidade de membros integrantes dele, mas em termos da formação de uma área de livre comércio. Nós estamos conversando com outros países da América do Sul e notamos, em muitos deles, um entusiasmo pelo Mercosul. Por quê? E por que o nosso próprio entusiasmo pelo Mercosul? Há fatores que são óbvios e já foram alguns deles

aqui referidos. Nós constituímos, sem dúvida alguma, hoje, um mercado importante.

Nesta manhã, eu estava em Resende, no Estado do Rio de Janeiro, inaugurando a quarta fábrica da Volkswagen que se inicia depois que eu sou Presidente da República – portanto, há menos de dois anos –, sendo que essa que nós inauguramos hoje é uma fábrica de caminhões. As fundações do prédio começaram a ser construídas há cinco meses.

Outro dia, eu recebia, no Palácio do Planalto, o primeiro motor feito por uma outra fábrica, um motor de automóvel. Fábrica que tinha seis meses. E, hoje, repeti o que ouvi de uns dirigentes da Volkswagen: o mercado para a Volkswagen, o mercado brasileiro, já corresponde a 85% do mercado alemão. Se nós somarmos ao mercado brasileiro o mercado do Mercosul, certamente, nós, para certos tipos de automóveis, já somos um mercado mais poderoso que o mercado da Alemanha.

Essa é uma razão clara da importância do Mercosul: nós já constituímos um mercado, temos uma certa tradição de mercado, quer dizer, de regras que permitem a troca entre os homens, entre as empresas, depois, entre os países; regras essas que são asseguradas a partir de negociações, que são determinadas, que podem mudar, mas que, não obstante, têm uma certa perdurabilidade, duram algum tempo. Permitem, portanto, que as pessoas orientem seus investimentos, seus propósitos, num prazo mais largo.

Isso é indiscutível. Nós, hoje, constituímos um mercado poderoso. Isso, só, é razão para que a marca Mercosul chame a atenção. Mas é mais do que isso. É mais do que isso porque, na verdade, nós também dispomos de uma certa capacidade tecnológica instalada e de capacidade criadora também, através de universidades e centros de pesquisa. Trata-se, portanto, de uma região que dispõe não apenas de capacidade de compra, de mercado, mas de capacidade de criação e de produção. Isso é importante. Isso marca, sem dúvida alguma, o Mercosul como uma zona que, no próximo século, vai se apresentar como um dos atores, dos protagonistas do mundo que se avizinha com essa globalização – uma globalização que não se opõe

ao regionalismo, pelo contrário, desde que seja um regionalismo como é o nosso, aberto, um regionalismo que não se mantenha a partir de muralhas que o protejam de outras áreas, mas, simplesmente, que potencie as capacidades existentes dentro do nosso espaço, para permitir uma intensificação das trocas com outros espaços.

É preciso ter uma mente muito pequenininha e ter muito pouca informação para imaginar que o Mercosul não amplia as áreas de comércio. Pelo contrário. E, se dermos um exemplo, só entre nós, aqui, da multiplicação das relações comerciais entre os países que formam o Mercosul, nós podemos ver que, a partir de 1991 até hoje, o nosso comércio se multiplicou por três, quatro, cinco vezes.

Há, portanto, efetivamente, uma ampliação do comércio. E não se pense que essa ampliação se dá apenas entre os países do Mercosul. Para dar o exemplo só do Brasil: em quatro anos, dobramos o nosso fluxo de comércio internacional de 50 bilhões de dólares para 100 bilhões de dólares.

Então, são realidades muito concretas que asseguram ao Mercosul uma preeminência, – preeminência, hoje, reconhecida e ampliada com este acordo que já fizemos com a União Européia. E a presença, mesmo, aqui, de parlamentares dos países da União Européia demonstra o interesse que hoje existe na ampliação dessas relações entre o Mercosul e a União Européia. Entretanto, eu creio que isso não bastaria para justificar o êxito do Mercosul.

Não creio que alguma iniciativa de vulto na história possa se manter se não houver, além do comércio, além da produção, algo que se acrescente a isso. E um mercado não é um valor. Ninguém pode imaginar que se constrói um ideal simplesmente baixando tarifa. Baixar tarifa, fazer acordos tarifários ou distribuir investimentos são mecanismos essenciais, mas são mecanismos, são instrumentos.

Acho que, além disso, o que dá charme ao Mercosul é que, em primeiro lugar, ele é um espaço de democracia e, aí, sim, é um valor: de liberdade, de respeito às instituições e – por que não dizer, com a irmandade que nos une – de apoio mútuo nos momentos de necessidade, para garantir a estabilidade democrática em toda essa região.

O Mercosul é um instrumento de valorização da liberdade, é um instrumento para assegurar a democracia. E isso já começa a ser alguma coisa que toca no coração dos povos. Não se trata simplesmente de um espaço econômico que já é muito importante, nem simplesmente de uma área de investimento que é importantíssima, mas trata-se de uma forma de aproximação entre povos a partir de valores, de ideais que são compartilhados. E a democracia é um ideal, hoje, compartilhado de maneira muito viva pelas nações que formam o Mercosul.

Mas eu diria que há até mais do que isso. Existe, na construção do Mercosul – e os presidentes que me antecederam o assinalaram –, também um comprometimento com a outra idéia que, creio, é central, se nós queremos, efetivamente, criar esse espaço de liberdade, esse espaço de produção, esse espaço de mercado de maneira duradoura: é um sentimento de equidade. Nós temos que marchar para sociedades não apenas livres, mas onde também exista justiça social, onde as desigualdades regionais e de classe sejam minoradas ao máximo possível.

E o Mercosul trouxe uma esperança nesse sentido. Talvez ele tenha feito renascer em nós uma idéia que, inicialmente, não aparecia como uma idéia- força para o Mercosul. Mas o Presidente Wasmosy mencionou-a, e eu creio que é muito importante. Ele interiorizou o desenvolvimento. Talvez nós não tivéssemos pensado, no ponto de partida da organização do Mercosul, nessa dimensão – eu diria – quase ciclópica do Mercosul, que o Presidente Wasmosy descreveu aqui: essas hidrovias, as estradas e, aqui, em Santa Catarina, essa BR-101, que há de ser feita, há de ser terminada ainda no meu governo. (*Palmas.*)

Basta ver os aplausos para que se perceba o quanto toca no coração de cada brasileiro essa aproximação maior que pode ser feita através da sua integração viária, disso tudo. E, eu diria, mesmo esse aspecto ciclópico mencionado pelo Presidente Wasmosy nos fez redescobrir a nossa vocação, digamos, continental do Mercosul, continental no sentido não da expansão para outros países, incorporando-os ao Mercosul, mas de que nós já somos um continente. O Presidente Wasmosy é engenheiro e tem paixão pelas hidrovias, da qual

compartilho, até certo ponto, sendo eu um pobre sociólogo, entendendo menos de hidrovias e de barcos.

De qualquer maneira, chamo a atenção para o fato de que nós estamos começando a tornar realidade a hidrovia Paraná-Tietê, o balizamento do Paraguai-Paraná, a possibilidade da utilização, que o Presidente Menem também está fazendo, na Argentina, do rio Paraná para desembocar no rio da Prata, mas, sobretudo, para escoar a próxima safra de grãos do estado mais incrustado no coração da América do Sul, no Brasil, que já foi mencionado pelo Presidente Wamosy como sendo um estado ainda mais longínquo do mar do que o próprio Paraguai e a Bolívia, que é Roraima.

Pois bem, a próxima safra de soja será levada aos oceanos por uma hidrovia que nós estamos terminando, que terminará em fevereiro, com os portos; que vai de Porto Velho, subindo o rio Madeira, desembocando no rio Amazonas, chegando até Itacoatiara, onde temos um terminal graneleiro. E, aí em Itacoatiara, o calado do rio Amazonas é de mais de cem metros: qualquer navio entra lá.

Isto que até há pouco tempo estava amortecido no Brasil, esse sentido do interior, veio junto com o Mercosul, veio junto com essa vontade de uma integração que acaba por levar mais adiante o que eu mencionei aí, que é a equidade, porque distribui os investimentos espacialmente e permite que as regiões, antes um pouco esquecidas, voltem a ser regiões que participam do centro, mesmo, do processo de desenvolvimento. Isso, esse renascimento dessa vocação para o interior, paradoxalmente, nós, em parte, devemos ao Mercosul. Ao olhar para o Paraguai, ao olhar para a Bolívia, temos que olhar para Mato Grosso, para Roraima, para Goiás, para os estados do interior do Brasil, como temos que olhar lá na Argentina para os estados que estão, também, na mesma situação, beirando aqui o rio Paraná.

O Presidente Menem se disse um federalista – e tem que ser, pois nasceu num desses estados, lá na Argentina, que precisam desse federalismo. Essa compreensão de que o país não pode ser só o litoral ou só uma ou duas grandes cidades, mas tem que haver, realmente, uma

integração regional, de alguma maneira também renasceu com essa idéia do Mercosul.

Então, o Mercosul nos traz a idéia de liberdade, nos traz a idéia de equidade e nos traz, também, essa sensação de que nós temos que, efetivamente, integrarmo-nos mais uns aos outros. É paradoxal. É paradoxal que um processo que se inicia como relação entre Estados acabe, pouco a pouco, por se transformar numa relação entre nações e acabe por rebater todo esse espírito dentro de cada uma das nossas nações. E nós passamos a ser mais autenticamente o que temos como condição humana, na nossa circunstância histórica e geográfica, à disposição dos nossos países, países que estão em plena transformação nessa que é uma via integradora.

Mas há mais do que isso. Quando eu disse que, subconscientemente, o êxito dessa marca Mercosul é alguma coisa que está subconsciente também entre nós é porque, de alguma forma, estamos redescobrimo, ao olharmos uns aos outros, que pertencemos à mesma cultura.

Nós não falamos o mesmo idioma, embora possamos nos entender sem muita dificuldade. Cada um de nós fala o próprio idioma, mas nós pertencemos à mesma cultura. O mesmo modo pelo qual nós rimos uns dos outros já nos une, como o fato mesmo de que as reuniões entre presidentes não sejam vetustas e que nós possamos nos dar à liberdade de brincar uns com os outros – e o Presidente Menem até de me desafiar, porque ele teve dez anos de mandato. (*Risos.*)

Essa própria liberdade que nós temos, ao tratar das coisas sérias, isso é um traço cultural nosso. Não sei se é latino, porque eu conheço outros latinos que são mais sisudos do que nós. Acho que é mais latino-americano e, quem sabe, até mais sul-americano, ou quem sabe até mais Cone Sul, da América do Sul. Mas há um elo, que é um elo de cultura, um elo de sensibilidade e que não foi separado pela língua. A língua que uniu não separou, porque, apesar de termos algum sotaque um pouquinho diferente uns dos outros, nós percebemos o mundo de um mesmo jeito, nós temos uma sensibilidade que permite uma aproximação quase que imediata entre nós.

E só uma curiosidade: quase toda a gíria carioca, do Chanceler Lampreia e que foi minha quando menino, essa gíria é *buenairense*, veio de Buenos Aires. Quando se fala *argot*, como eles chamam lá em Buenos Aires quando eles falam na gíria local, um carioca entende e pensa que nós sabemos muito. Não sabemos nada. Nós copiamos, no passado; veio de lá. E, hoje, nós usamos uma porção de expressões que são tipicamente expressões da antiga gíria argentina, que já esqueceram na Argentina, mas ficaram vivas aqui, entre nós.

Essa transmissão até mesmo, como eu disse, de gíria, quer dizer, de um modo popular de manifestação de sentimento ou de reconhecimento das características dos outros e nossas próprias, tudo isso mostra que nós pertencemos a um mesmo ambiente cultural. Sei que o tango é diferente do samba. Eu não sei dançar nem samba, quanto mais tango. Mas, de qualquer maneira, há muito de aproximação, apesar – e a riqueza vem daí – das diferenças que podemos fazer dentro da mesma cultura; há muito de aproximação entre nós que estava recôndito, estava escondido lá no coração de cada um de nós. E, de repente, com o Mercosul, nós descobrimos a nossa proximidade, descobrimos a nossa irmandade.

Esquecemos que o Mercosul começou em reuniões muito aborrecidas, para discutir tarifa. Os senhores não imaginam como isso é desagradável. É necessário. Mas ninguém pode imaginar que, numa sala de reuniões, cercada de técnicos, os pobres chanceleres – eu era chanceler, quando participei, inicialmente, do Mercosul – perdidos naquele linguajar técnico, não podem os senhores imaginar, nem nós podíamos que, a partir dali, o resultado seria, não simplesmente um tratado que teria interesse para tal ou qual negócio, o que é muito importante, mas seria essa comunhão que hoje nós vemos aqui.

É isso que eu acho que forma, realmente, a essência do nosso encontro aqui, hoje, em Santa Catarina, aqui, nesta sala, com os senhores que têm essa formação que permite uma análise muito importante das múltiplas potencialidades do Mercosul como marca e a possibilidade de encontrar símbolos que representem esse Mercosul de maneira mais imediata. É isso que nos permite que todos nós,

cada um com os seus afazeres, com as suas especialidades, estejamos aqui, em pleno Mercosul, sem falar, uma só vez, nas diferenças que possam ainda existir entre nós, por razões que, hoje, já são acidentais, como de que modo se vai conciliar o que o Presidente Wasmosy quer fazer lá, no Paraguai, e, quem sabe, alguns brasileiros queiram fazer aqui, naqueles mesmos setores, e talvez haja algum probleminha aí.

Mas isso é tão pequeno, diante da força imensa do Mercosul, que nós estamos todos aqui, juntos, hoje, não para outra coisa, senão para dizer: o Mercosul é um sucesso. Vai continuar a ser um sucesso. E ele é nosso, de todos nós. É uma marca que superou as fronteiras. É uma marca que nos distingue diante do mundo, mas, ao mesmo tempo, que nos leva a uma integração cada vez maior com o próprio mundo.

Muito obrigado.